

Autoetnografia da Prática Interpretativa: *um levantamento de teses e dissertações brasileiras*

Rebeca Vieira¹

UNIRIO – PPGM

Doutorado

Teoria e Prática da Interpretação

bex_vieira@yahoo.com.br

Resumo: Frente aos desafios que se apresentam às pesquisas do campo da Música em se adaptar aos formatos acadêmicos da pesquisa científica, a autoetnografia vem se apresentando como uma ferramenta metodológica possível de ser aplicada às pesquisas na área das Práticas Interpretativas devido à sua natureza subjetiva. Apresento o que é a autoetnografia e suas principais ferramentas metodológicas, com base em revisão bibliográfica de López-Cano e San Cristóbal (2014). Em seguida, uma breve descrição sobre o uso da autoetnografia em teses e dissertações brasileiras, a partir de um levantamento realizado através do Banco de Teses da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Apesar das pesquisas na subárea das Práticas Interpretativas (Música) que se utilizam dessa metodologia serem ainda incipientes, foi observado um uso crescente da autoetnografia em pesquisas brasileiras, sobretudo nos últimos três anos. Foi constatado que todas as pesquisas encontradas se utilizaram em algum momento da memória pessoal para registrar processos pessoais na construção de suas práticas interpretativas, podendo exercer uma ou mais funções dentro da pesquisa artística: informativa, reflexiva, experimental ou veicular. Depois de realizada as análises sobre as pesquisas, identifiquei duas vertentes dentre os resultados obtidos com as investigações: de caráter pessoal, que pode ser ou não compartilhado com sua área de conhecimento; e a de caráter geral que pode ser aplicável em outras experiências. Acredito ser esse o principal desafio das pesquisas em Práticas Interpretativas que se utilizam da autoetnografia como ferramenta metodológica: fazer de sua autodescoberta uma descoberta que pode ser partilhada para outras experiências.

Palavras-chave: Autoetnografia; Prática Interpretativa; Metodologia.

Autoethnography of Interpretive Practice: a Survey of Brazilian Theses and Dissertations

Abstract: Faced with the challenges that are presented to research in the field of Music in adapting to academic formats of scientific research, autoethnography has been presenting itself as a methodological tool that can be applied to research in the area of Interpretative Practices due to its subjective nature. I present what autoethnography is and its main methodological tools, based on a bibliographic review by López-Cano and San Cristóbal (2014). Then, a brief description about the use of autoethnography in Brazilian theses and dissertations, based on a survey carried out through the CAPES Thesis Bank and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD). Although research in the Interpretative Practices (Music) subarea that uses this methodology is still incipient, an increasing use of autoethnography has been observed in Brazilian research, especially in the last three years. It was found that all the research found was used at some point in personal memory to record personal processes in the construction of their interpretive practices, being able to exercise

¹ Orientador Prof. Dr. Clayton Daunis Vetromilla.

one or more functions within artistic research: informative, reflective, experimental or vehicular. After conducting the analysis on the research, I identify two aspects among the results obtained from the investigations: personal, which may or may not be shared with your area of knowledge; and the general one that can be applied in other experiments. I believe that this is the main challenge of research in Interpretative Practices that use autoethnography as a methodological tool: making your self-discovery a discovery that can be shared for other experiences.

Keywords: Autoethnography; Interpretive Practice; Methodology.

1 Autoetnografia da prática artística

A autoetnografia é um termo cunhado pelo antropólogo americano Karl Heider (1975), que o utilizou pela primeira vez ao se referir aos relatos que um grupo de pessoas da Nova Guiné, chamados *Dani*, faziam sobre sua cultura (1975, p.3-17). Em um segundo momento, David Hayano (1979) utilizou o termo autoetnografia aplicada às pesquisas culturais das quais ele fazia parte. Hoje em dia o termo é utilizado para designar uma metodologia de pesquisa que envolve descrição e análise da própria experiência do pesquisador que é participante de alguma cultura, a fim de compreender as dinâmicas envolvidas naquela prática cultural. Para tanto, a autobiografia pode ser uma ferramenta útil para a autoetnografia, porém com algumas diferenças:

...enquanto a autobiografia é um relato dos principais acontecimentos da vida de um sujeito que a descreve, usando seus próprios critérios, a autoetnografia é um estudo da introspecção individual em primeira pessoa, que pretende jogar luz sobre a cultura a qual pertence o sujeito por meio de “descrições culturais mediadas através da linguagem, a história e a explicação etnográfica” (ELLIS; BOCHNER, 2000, p.742 apud LÓPEZ-CANO; SAN CRISTÓBAL, 2014, p.139).²

Desse modo, o relato autobiográfico culturalmente localizado tende a contribuir significativamente para o conhecimento de determinada cultura, subtraindo de dada experiência elementos etnográficos, caracterizando assim a pesquisa autoetnográfica. Tal relato pode revelar aspectos pessoais do sujeito pesquisador, gerando uma auto introspecção do seu próprio fazer; ou pode revelar aspectos inter-relacionais com outros sujeitos participantes do mesmo núcleo de práticas culturais, gerando uma introspecção interativa do seu fazer dentro de um grupo de práticas comuns; ou ainda, esse relato pode revelar como se

² ...mientras la autobiografía es el recuento de los principales acontecimientos de la vida del sujeto que la escribe, empleando sus propios criterios, la autoetnografía es un estudio de la introspección individual en primera persona, que pretende arrojar luz sobre la cultura a la que pertenece el sujeto por medio de “descripciones culturales mediadas a través del lenguaje, la historia y la explicación etnográfica”.

dão as interações do sujeito pesquisador com objetos, instrumentos, textos e outros símbolos artísticos pertencentes à sua prática cultural.

A autoetnografia da prática artística se caracteriza não somente por relatar fatos passados como também por revelar o que se passa com o artista pesquisador durante sua investigação. Além do texto escrito, pode-se fazer uso de imagens, referência a outras obras de arte, metáforas, poemas, entre outros dispositivos artísticos que se articulem com o universo sensível do artista e que contribuam para sua pesquisa. Por isso, a autoetnografia se apresenta como uma ferramenta metodológica tão potente, capaz de abarcar sentimentos, impressões e subjetividades envolvidas na experiência prática e no campo da pesquisa estética.

Quanto a função exercida na pesquisa artística, a autoetnografia pode ser uma formadora da investigação, fornecendo uma descrição minuciosa dos fatos e se articulando com outras fontes de informação, frequentemente assumindo um formato de memória ou memória crítica; a autoetnografia pode também assumir o papel de informar a investigação quando sua descrição fornece dados passíveis de análise e reflexões posteriores, alcançando o mesmo patamar de outras fontes de informação como artigos, livros, gravações, vídeos entre outros; ainda a autoetnografia pode exercer uma função heurística quando em qualquer momento da pesquisa ela pode provocar questionamentos e o surgimento de novas ideias.

Há ao menos três *modi operandi* da pesquisa autoetnográfica: descritiva, analítica ou crítica. Tais modalidades não são exclusivas e podem ser integradas, aparecendo em uma ou outra proporção ao longo de uma mesma pesquisa (LÓPEZ-CANO; SAN CRISTÓBAL, 2014, p.143). Não é necessário a escolha de apenas uma função a ser utilizada, pois um mesmo texto autoetnográfico pode atender à mais de uma função de acordo com a sua forma de operar dentro da pesquisa. Ela pode ainda ser usada apenas como uma parte da pesquisa junto a outras fontes. Quanto as estratégias metodológicas, López-Cano e San Cristóbal (2014) nos apresentam cinco tipos aplicadas à pesquisa artística autoetnográfica: memória pessoal, auto-observação, autorreflexão, entrevistas autoetnográficas e análises de artefatos preexistentes. Veremos nas próximas sessões algumas possibilidades de uso dessas ferramentas no desenvolvimento de pesquisas.

2 Autoetnografia em pesquisas brasileiras no campo da Música

Após fazer uma explanação sobre a autoetnografia, passo subsequente, minha atenção volta-se para sua inserção nas pesquisas brasileiras do campo da música e mais especificamente na área das Práticas Interpretativas. Então podemos formular a seguinte

pergunta: como a autoetnografia tem sido utilizada em pesquisas na área das Práticas Interpretativas no Brasil?

Com o propósito de discutir essa questão, apresento um levantamento do tema a partir de teses e dissertações. Para isso, utilizei o termo *autoetnografia*, para a busca em títulos, resumos e palavras-chaves em pesquisas no campo da música e outros afins. A busca dos trabalhos foi realizada no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) (Quadro 1).

Quadro 1: Relação de Teses e Dissertações brasileiras com o uso da autoetnografia como ferramenta metodológica: título, ano de defesa, autor(a), orientador(a), programa e área de concentração, por ordem cronológica.

<p>Título: Como se fora brincadeira de roda: a ciranda da ludopoiese para uma educação musical humanescente (Dissertação, 2009). Autora: Maristela de Oliveira Mosca. Orientador: Prof. Dr. Edimilson Ferreira Pires. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Área: Educação Musical.</p>
<p>Título: As cantigas de roda na creche Jardim Felicidade – cenário vivo para o “exercício do olhar” – um estudo autoetnográfico (Dissertação, 2011). Autor: Marco Aurélio Cardoso de Souza. Orientadora: Profª Drª Walênia M. Silva. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Área: Educação Musical.</p>
<p>Título: Campos Textuais em dois processos colaborativos de criação na música contemporânea (Dissertação, 2015). Autor(a): Menan Medeiros Duwe. Orientador(a): Profª Drª Catarina leite Domenici. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área: Práticas interpretativas.</p>
<p>Título: Aprendizagens Musicais nas interações sociais em práticas musicais coletivas (Dissertação, 2017). Autor: Carmelito Lopes Neto. Orientadora: Profª Drª Leila Miralva Martins Dias. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. Área: Educação Musical.</p>
<p>Título: Aspectos identitários da produção sonora na flauta: uma autoinvestigação (Tese, 2017). Autor: João Liberato Orientador: Prof. Dr. Lucas Robatto. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. Área: Práticas Interpretativas.</p>
<p>Título: A construção da performance das <i>Seis danças romenas</i> de Béla Bartók: memorial de um processo criativo centrado no corpo (Dissertação, 2018). Autora: Mariana do Socorro da Silva Brito. Orientadora: Profª Drª Catarina Leite Domenici. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área: Práticas Interpretativas.</p>
<p>Título: Articulação e ornamentação nas <i>Sonatas K18 e K30</i> de Domenico Scarlatti: um estudo autoetnográfico (Dissertação, 2018). Autor(a): Uaná Barreto Vieira. Orientador(a): Profª Drª Luciana Noda. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba. Área: Práticas Interpretativas.</p>
<p>Título: Aprendiz de samba: oralidade, corporalidade e as estruturas do ritmo (Dissertação, 2018).</p>

<p>Autor: Arildo Colares dos Santos. Orientadora: Prof^ª Dr^a Maria Teresa Alencar de Brito. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de São Paulo. Área: Educação Musical.</p>
<p>Título: NUO Ópera-Lab.: pela autoetnografia à trans-ópera (Tese, 2018). Autor: Paulo Maron Orientador: Prof. Dr. Diósnio Machado Neto. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de São Paulo Área: Musicologia.</p>
<p>Título: Fandangos caipiras: fandangos de esporas e de botinas (Dissertação, 2018). Autor: Bruno de Souza Sanches. Orientador: Prof. Dr. Ivan Vilela. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de São Paulo Área: Musicologia.</p>
<p>Título: Minha viola é de buriti: uma etnomusicologia aplicada-participativa-engajada sobre a musicalidade no quilombo Mumbuca, no Jalapão (TO) (Tese, 2019). Autor: Marcus Facchin Bonilla. Orientador): Prof^ª Dr^a Sonia Maria Moraes Chada. Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará. Área: Musicologia.</p>
<p>Título: A preparação para execução musical ao vivo: reflexões a partir de entrevistas com violonistas de excelência e de um estudo de caso autoetnográfico (Tese, 2019). Autor(a): Rafael Iravedra. Orientador(a): Prof. Dr. Daniel Wolff. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área: Práticas Interpretativas.</p>

Foram encontradas doze pesquisas entre Teses e Dissertações espalhadas pelo Brasil, resultante de uma produção acadêmica limitada aos últimos dez anos. Assim, podemos pressupor que a autoetnografia se apresenta como uma ferramenta metodológica recente e ainda pouco explorada nas pesquisas do campo da Música no Brasil, pois não encontrei pesquisas com data anterior a 2009. Entretanto, houve um aumento no número de pesquisas nesse campo que tem se utilizado da autoetnografia, sobretudo nos últimos três anos (Gráfico 1), localizadas em três áreas (Gráfico 2).

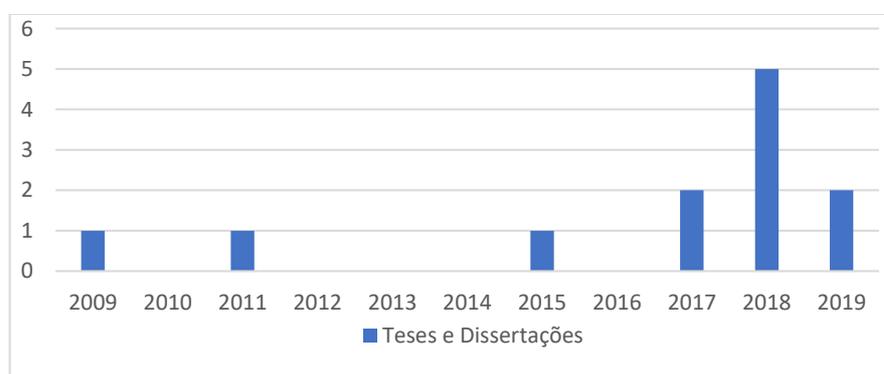


Gráfico 1: Quantidade de Teses e Dissertações brasileiras com o uso da autoetnografia entre 2009 e 2019.

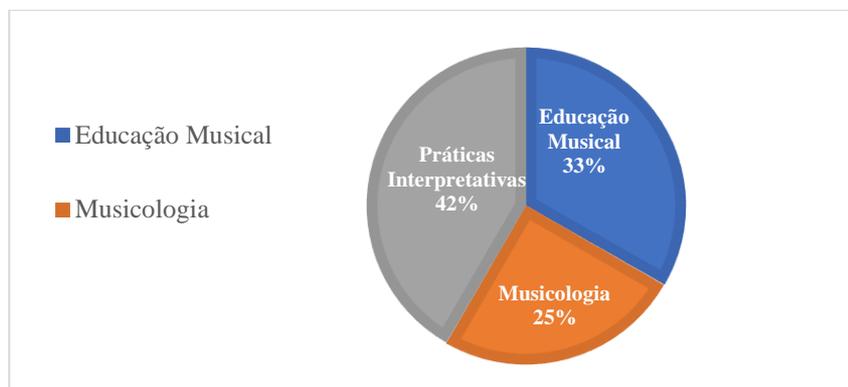


Gráfico 2: Teses e Dissertações que se utilizaram da autoetnografia divididas por área de concentração.

A área da musicologia representa 25% das pesquisas com uma tese e duas dissertações; a área da educação musical representa 33% das pesquisas com quatro dissertações; a área das Práticas Interpretativas representa 42% das pesquisas com duas teses e três dissertações. Em especial, a área das Práticas Interpretativas nos interessa nesse momento. Passo, então, a descrever brevemente cada uma das cinco pesquisas encontradas, a fim de descobrir como a autoetnografia foi utilizada como ferramenta metodológica e os principais resultados alcançados.

3 Autoetnografia da Prática Interpretativa

O pesquisador Menan Duwe (2015) desenvolveu uma investigação autoetnográfica a partir de duas experiências com a estética da música contemporânea, uma atuando como intérprete de uma peça inédita para piano intitulada *Doppelgänger* e outra atuando também como compositor em outra peça intitulada *espaços submersos*, ambas as experiências em parceria, a primeira com o pianista Dario Rodrigues Silva e a segunda com o compositor Lauro Pecktor. Seu objetivo foi, ao registrar essas experiências, buscar compreender as relações entre os músicos e suas ideias na interação com a partitura. Ele questiona a crença na partitura como um texto totalizante da obra musical e as relações hierárquicas entre compositor (criador) e intérprete (executante).

Além do memorial foram utilizadas gravações dos ensaios e entrevistas realizadas com seus parceiros de trabalho como recursos metodológicos para as análises, a fim de responder as seguintes questões: “Como a partitura é considerada nos dois projetos criativos investigados? Como ocorrem as interfluências entre compositor e instrumentistas no trabalho colaborativo? Como os valores e conceitos da música de concerto emergem na prática?” (DUWE, 2015, p.39).

Para proceder à análise, Duwe criou categorias como estratégia para identificar seus pontos de interesse na pesquisa presentes no relato dos acontecimentos, a saber: estratégias de ensaio; avaliações sobre a performance; estratégias de execução; interpretações, descrição da música, da composição, criação de sentidos através do discurso; sugestões e decisões para a performance da música, detalhamento do que está escrito, delineamentos para a performance; e alterações da partitura (DUWE, 2015. p.66).

Junto à autoetnografia, também foi utilizado o método de estudo de caso com observação participante. Por fim, Duwe chega à conclusão de que a partitura é utilizada como ponto de partida para a construção da performance, processo que envolve a criação de sentidos e de outros campos textuais que surgem no decorrer do trabalho interpretativo e na interação entre os músicos.

João Liberato (2017) realizou uma autoinvestigação de sua trajetória de formação como flautista, no recorte temporal de sua graduação na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Ele se utilizou de um memorial descritivo, gravações de áudio e fotografias a partir de dois contextos de ensino que marcaram seu progresso no instrumento: aulas de flauta sob orientação de Oscar Dourado e, em um segundo momento, com Lucas Robatto.

O objetivo de Liberato em revisitar suas memórias foi o de investigar como sua identidade sonora, musical e artística foi sendo construída no decorrer de sua formação. Para tanto, utilizou como ferramentas da autoetnografia: autoinventário, participação observadora, entrevistas semiestruturadas com seus dois professores sobre o ensino de flauta e produção sonora. A partir do material resultante do uso dessas ferramentas, ele procedeu às análises e descrições de estratégias técnicas.

Liberato chegou a resultados comparativos entre os estágios iniciais e finais de sua formação na flauta transversal quanto aos seguintes aspectos técnicos: *whistle tones*, *vibrato*, harmônicos, ressonância, repertório, mudança de registro, embocadura e fluxo de ar. Através de suas experiências, chegou à constatação de que a identidade do instrumentista é forjada considerando as variáveis técnicas do instrumento, mecânicas do próprio corpo, realidades culturais, sociais, psicológicas e afetivas, situadas em duas principais vertentes: contextual e desenvolvimentista (LIBERATO, 2017, p.217).

Mariana Brito (2018) é pianista e escreveu um memorial sobre seu processo de construção da performance das *Seis danças romenas* de Béla Bartók, a fim de investigar como os gestos corporais e os sons se moldam e influenciam as relações entre o performer, a música e seu instrumento. A autoetnografia da pesquisa artística foi utilizada para desvendar o conhecimento corporificado associado ao percurso artístico criativo pessoal.

As ferramentas metodológicas utilizadas foram: um diário de bordo contendo anotações pessoais de suas aulas de piano e estudos pessoais ao instrumento; e os registros em vídeo de seus estudos e performances no decorrer do processo. As análises das gravações foram feitas de forma comparativa entre os primeiros registros que antecederam à pesquisa até o registro final da performance proposta para a obra. Tanto os registros escritos quanto os audiovisuais foram mapeados com o intuito de identificar os momentos de criatividade que ocorreram.

Brito chega a algumas reflexões finais ao término de sua investigação: a primeira é a de que o corpo possui uma memória marcada por suas experiências artísticas, onde corpo e música, movimento e som são indissociáveis. Isso favoreceu uma quebra de paradigmas interiores, e a busca de uma performance ideal através do adestramento dos movimentos foi sendo substituída pela experimentação lúdica, princípio da criatividade. A segunda é a constatação de que uma performance é sempre única, marcando um determinado estágio de desenvolvimento no decorrer do tempo, pois “assim como os artistas, a única coisa permanente na performance é a sua transformação” (BRITO, 2018, p.100). Portanto, o produto da performance nunca estará acabado por completo, sendo passível de mudanças a partir de novas descobertas.

Com o enfoque na articulação e na ornamentação, Uaná Vieira (2018) realizou uma pesquisa autoetnográfica no intuito de descrever seu processo de construção interpretativa das *Sonatas K18 e K30* de Domenico Scarlatti. Seu objetivo foi o de analisar como se deu o seu próprio processo de aprendizagem e de escolhas interpretativas para uma performance pública. A escolha por Scarlatti se deu pela possibilidade de relatar todos os fatos, desde o primeiro contato com as peças até a performance, visto que ele não havia trabalhado com esse repertório anteriormente.

Um diário de estudos foi utilizado como ferramenta de registro de todo o seu processo interpretativo até a culminância da performance que ele assim elencou: leitura e diálogos com as fontes historiográficas do estilo Barroco, a busca pela criatividade na interpretação das peças, audição de gravações de referência. Além do diário, as partituras foram utilizadas como um mapa interpretativo pessoal onde foram marcadas as ornamentações e articulações consolidadas no decorrer da construção da autoetnografia.

Para Vieira, a autoetnografia serviu como uma metodologia não somente de pesquisa como também de aprendizagem, promovendo “a conexão de minhas identidades, pensamento, sentimentos e experiências às relações e culturas escolhidas para o desenvolvimento do trabalho” (VIEIRA, 2018, p.74). Os ornamentos e articulações foram

escolhidos aliando seus conhecimentos à bibliografia consultada, aproximando seu fazer artístico da produção acadêmica.

Rafael Iravedra (2019) concluiu em 2019 sua pesquisa de doutoramento no qual investigou o processo de preparação da performance ao vivo em seus aspectos técnicos e artísticos, a partir de sua visão que, além de pesquisador, também é performer musical. Para poder visualizar melhor o trajeto, ele acompanhou o processo de aprendizagem de uma peça, da sua preparação à performance ao vivo. Essa última mereceu uma atenção especial de Iravedra por considerar, segundo o próprio, uma das “lacunas na formação dos instrumentistas como performers [...] deixando de lado aspectos relacionados ao desempenho no palco” (IRAVEDRA, 2019, p.8). Sendo assim, sua pesquisa abordou a questão da preparação eficiente para a performance musical ao vivo – a partir de diversas óticas (IRAVEDRA, 2019, p.24). Para abordar o assunto sobre a preparação da performance ao vivo, Iravedra utilizou as seguintes ferramentas: primeira – revisão de literatura de pesquisas, métodos e tratados de violão; segunda – entrevistas com violonistas de excelência sobre as suas estratégias de preparação para performances ao vivo; e terceira – um estudo de caso no qual utilizou a autoetnografia para registrar seu próprio processo de preparação de duas obras a saber: *Homenaje pour “Le Tombeau de Debussy”* de Manuel de Falla e *Toru* de Inês Badalo, que se apresentaram a ele com diferentes desafios. A intenção do estudo de caso autoetnográfico foi a realização de um o projeto piloto onde pudesse aplicar os resultados obtidos nas duas primeiras etapas da pesquisa.

Por fim, após as três etapas de sua investigação, o pesquisador chegou à conclusão de que durante o processo de preparação de uma obra é importante simular a performance, por exemplo em recitais informais e gravações próprias. Essas situações colocam em prática a visualização de si mesmo, a memorização e aspectos técnicos como a digitação; essas e outras questões são importantes para as adaptações do corpo em situação de performance, bem como a preparação psicológica e emocional para a interação do performer com o público e para a imprevisibilidade da execução ao vivo.

Passo a fazer uma análise das cinco pesquisas levantadas com base na bibliografia consultada sobre a autoetnografia. Também destacarei as aproximações entre elas, como tipo de motivação de pesquisa e resultados obtidos. Todas as pesquisas se utilizaram em algum momento da memória pessoal para registrar processos pessoais de construção da interpretação para determinada performance ou performances, exceto Liberato (2017) que, do tipo “memória pessoal”, utilizou o autoinventário para descrever uma experiência passada, agrupando feitos do decorrer da sua formação como flautista. A memória pessoal pode

exercer funções diferentes dentro da mesma pesquisa, mas de modo geral, podemos identificar que em Liberato (2017) e Vieira, (2018) a memória pessoal tem função informativa sobre como fazer a prática da performance; em Duwe (2015) e Brito (2018) seus registros pessoais tem função reflexiva, dialogando com seus problemas de pesquisa e gerando novas ideias sobre o fazer artístico; já Iravedra (2019) faz um projeto piloto a partir de outras etapas de sua pesquisa, utilizando a memória pessoal para registrar seu experimento.

A gravação em áudio e/ou vídeo foi utilizado por alguns pesquisadores como recurso auxiliar de registro. Duwe (2015) gravou seus processos criativos em parceria com os amigos em busca de informações sobre o fazer artístico; Brito (2018) registrou seus ensaios e performances para depois fazer uma análise comparativa entre estágio inicial e final da pesquisa; Iravedra (2019) utilizou a auto filmagem de sua performance como forma de treino em vésperas de uma performance ao vivo. Nessas três pesquisas destacadas, o uso do registro em áudio e vídeo foram utilizados de modos diferentes, e isso mostra que a gravação é uma ferramenta versátil e hoje em dia de fácil utilização por estar ao alcance das mãos como no celular, por exemplo.

Em relação ao uso da entrevista como ferramenta metodológica, Duwe (2015) entrevista seus parceiros de trabalho sobre o processo criativo compartilhado com ele; encontramos em Liberato (2017) a utilização de entrevistas semiestruturadas com seus professores a fim de colher informações para a sua autoetnografia; e Iravedra (2019) entrevista outros performers de excelência para encontrar pontos em comum entre eles sobre suas estratégias na construção de uma performance ao vivo, pontos selecionados para um posterior projeto piloto.

A partitura é objeto de investigação e ao mesmo tempo de questionamento para Duwe (2015) que pesquisou a interferência da partitura no processo criativo, seja da interpretação ou da composição. Ele chegou à conclusão que em suas práticas interpretativas a partitura é um meio e não o fim da performance. De modo similar, Vieira (2018) se utilizou da partitura como suporte de um mapa interpretativo pessoal aliado a outras fontes consultadas e às suas experiências pessoais, que em conjunto, corroboraram a construção de sua performance. Ele vê na autoetnografia um modo de autoconhecimento do seu fazer artístico.

Liberato (2017) teve por objetivo investigar como se dá a formação da identidade artística e sonora do músico e dentre os resultados chegou à conclusão de que a identidade do instrumentista é forjada considerando as variáveis técnicas do instrumento com a mecânica do próprio corpo. O corpo e sua relação com o som moldada em performance foi objeto de

investigação de Brito (2018), que entre seus apontamentos, afirma que corpo e música são indissociáveis, sendo a performance um marco de determinado estágio do seu desenvolvimento. Iravedra (2019) ressalta a necessidade de simular a performance para treinar o corpo a uma situação de teste/prova, não somente o corpo físico como também a memória e o emocional. Para ele, a prática da performance em situações informais contribui para uma preparação eficiente da performance musical ao vivo.

4 Considerações Finais

A pesquisa da prática artística é uma jovem aprendiz; isso pode ser confirmado ao voltar o nosso olhar para o campo da Música e mais especificamente para a área das Práticas Interpretativas, onde encontramos uma produção muito recente em pesquisas. A autoetnografia tem sido usada como ferramenta metodológica de modo crescente nas pesquisas em Práticas Interpretativas, principalmente nos último três anos, porém ainda não se configurando como uma corrente ou tendência de determinado programa de pós-graduação, pois apesar de três das cinco pesquisas encontradas pertencerem ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná, elas foram orientadas por professores diferentes e não conversam entre si ou fazem menção umas às outras.

Depois de realizada as análises sobre as pesquisas, identifico duas vertentes dentre os resultados obtidos com as investigações: de caráter pessoal, que pode ser ou não compartilhado com sua área de conhecimento; e a de caráter geral que pode ser aplicável em outras experiências. Acredito ser esse o principal desafio das pesquisas em Práticas Interpretativas que se utilizam da autoetnografia como ferramenta metodológica: fazer de sua autodescoberta uma descoberta que pode ser partilhada em outras experiências. A forma de conduzir a investigação, principalmente na análise dos materiais levantados, pode ser o diferencial.

É difícil se autoanalisar de forma crítica; nesse ponto, o orientador, como um observador externo auxilia nesse processo. Ser interlocutor de si mesmo é uma tarefa árdua, ter alguém para dialogar – nem que sejam outras pesquisas ou textos – é necessário para a ‘boa saúde’ da prática investigativa. Chego à conclusão de que a autoetnografia é uma excelente ferramenta metodológica a ser aplicada nas investigações sobre as Práticas Interpretativas, sobretudo quando utilizada em conjunto com ferramentas complementares que envolvam a participação de outros agentes, pois assim as pesquisas tendem a ganhar maior credibilidade nos seus resultados.

Referências Bibliográficas

- BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em <<http://bdtd.ibict.br>> Acesso em: 28 out. 2019.
- BRITO, Mariana do Socorro da S. *A construção da performance das Seis danças romenas de Béla Bartók: memorial de um processo criativo centrado no corpo*. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.
- CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES. Disponível em <<http://capesdw.capes.gov.br/?login-url-success=/capesdw>> Acesso em: 28 out. 2019.
- DUWE, Menan Medeiros. *Campos Textuais em dois processos colaborativos de criação na música contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.
- HAYANO, David M. Auto-ethnography: Paradigms, Problems and Prospects. *Human Organization*, v. 38, n.1, p. 99-104, 1979.
- HEIDER, Karl G. What Do People Do? Dani Auto-Ethnography. *Journal of Anthropological Research*, vol. 31, n.1, p. 3-17, 1975.
- IRAVEDRA, Rafael. *A preparação para execução musical ao vivo: reflexões a partir de entrevistas com violonistas de excelência e de um estudo de caso autoetnográfico*. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.
- LIBERATO, João. *Aspectos identitários da produção sonora na flauta: uma autoinvestigação*. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.
- LÓPEZ-CANO, Rubén; SAN CRISTÓBAL, Úrsula. *Investigación artística en música: problemas, métodos, paradigmas, experiencias y modelos*. Barcelona: Fonca-Esmuc, 2014.
- VIEIRA, Uaná Barreto. *Articulação e ornamentação nas Sonatas K18 e K30 de Domenico Scarlatti: um estudo autoetnográfico*. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018.